escola necessária: ato e transmissão

Ângela Mucida

Uma Escola de analistas é necessária em três pontos fundamentais: verificar se há e garantir que haja analista e fazer circular o saber daí decorrente. Funções que se articulam, tendo como ponto fundamental uma certa resolução do saber e circulação do mesmo pela via do desejo de analista. Podemos dizer, em outras palavras, uma Escola é responsável pelo tratamento a ser dado aos "restos". Se, como afirma Lacan em "Lituraterra",[1] o que melhor poder-se-ia esperar de uma análise é ir da letra ao lixo; uma escrita na dimensão da rasura, litura, estilete. Trata-se, na Escola, de fazer certa acomodação dos restos, significando com isso que é preciso tratá-los de forma a transformá-los em algo que circule pois, nos termos de Lacan, "trata-se de uma Escola, e não de uma Escola comum. Se, nela, vocês não são responsáveis diante de si mesmos, ela não tem nenhuma razão de ser."[2]

[1] Lacan. Lituraterre.

[2] Lacan. A psicanálise e seu ensino.

No campo da responsabilidade analítica, Lacan aposta que, nessa Escola, a transmissão possa trazer uma correção na experiência do passe,[3] destacando a tensão necessária entre intensão e extensão. Portanto, isso nos reenvia a um tratamento que possa corrigir os efeitos de uma nomeação; se essa inscreve uma marca, um furo, como todo ato significante, pode acarretar também posições anti-analíticas como a enfatuação, o narcisismo das pequenas diferenças, "sapatinhos apertados", "beatitudes", "bens necessários", suficiências — posições bastante discutidas por Lacan em "A situação da psicanálise em 56".[4] Nesse momento ele assinala um ensino inscrito entre o *repeteco e o silêncio tenaz*[5] que só faz valer a reprodução imaginária do Um, portanto, contra o discurso analítico. Como sair desse circuito na Escola a ser fundada?

[3] Sauret acentua, nesse sentido, que *é preciso deixar cair o próprio passe.*

[4] Lacan. A psicanálise e seu ensino, p.447.

[5] Lacan. A psicanálise e seu ensino, p.447.

Este trabalho pretende, a partir da questão de Lacan, em 1956: *o que a psicanálise nos ensina, como ensiná-lo?*, abordar a transmissão entre intensão e extensão pela via do ato. Se uma análise produz um efeito didático ao avesso do discurso universitário, ela deverá promover uma transmissão, como quis Lacan, de modo que quem fala, ouve, escreve ou lê possa colocar algo de si. Como fazer valer essa hipótese? Quais os dispositivos necessários para que a Escola necessária (necessária para que o discurso analítico não cesse de se escrever) seja atravessada

pelo contingente (cessa de não se escrever) do final de cada análise? Como tornar operacional uma transmissão que exclui o sentido e o SSS? Enfim, que tipo de transmissão pode ser escrita pelo ato?

ensino ou transmissão?

É interessante observar que todas as vezes que Lacan se utiliza da palavra "ensino", ele o faz sob determinadas correções que buscam inscrever o particular disso que se ensina em psicanálise, delimitando algo que se inscreve ao avesso do conceito de ensino, já que ensinar, do latim *ensignare*, implica elaborar signos, elaborar conhecimentos. A psicanálise delimita que o saber não é conhecimento e o que se articula é em termos da relação do sujeito ao significante enquanto efeito de corte. O que interessa formalizar é como o recolhido de cada análise registra-se em termos de saber e quais os seus efeitos em termos de ensino analítico. É dessa forma que podemos entender a recorrência a esse termo em vários seminários de Lacan e ao fato de referirmo-nos ao seu legado por "ensino".

Freud também preocupou-se com a questão do ensino da psicanálise e, particularmente, da transmissão, fato demonstrado pela escrita de sua clínica, que interroga, pensa, inventa maneiras de se transmitir.

Lacan, mesmo afirmando por diversas vezes que, na realidade, não existe ensino em se tratando de psicanálise — *ensinará tudo, não importa o que, salvo psicanálise*—,[6] não abdicou de um dispositivo que pudesse veicular o *resto da coisa sabida* advindo com a análise. Depende disso a emergência de uma "formação" enquanto operação contínua de todos, que possa interrogar a nossa clínica, prática e aquilo que em nossas formalizações manca.

[6] Lacan. *O ato analítico*. Seminário de 28-02-68.

Em "A psicanálise e seu ensino", Lacan considera que a estrutura da análise pode ser formalizada de maneira acessível à comunidade e que *cada um de nós é condenado (...) a se fazer o alfabeto vivo.*[7] "Alfabeto vivo", podemos pensar, pressupõe não apenas uma inscrição, mas uma reinscrição de letras, traços, restos deixados por cada um, tanto daquilo que se escreve antes de qualquer sentido, como daquilo que se escreveu em seu percurso de análise e os efeitos daí advindos. Podemos ainda tomar tal indicação no âmbito da convocação: não se trata de uma obrigação moral que se imporia a cada um da comunidade analítica, mas de algo que não se pode furtar porque *encontra no Outro a decisão do encontro.*[8] De qualquer forma há que se distinguir uma escrita sob a égide da instância

[7] Lacan. A psicanálise e seu ensino, p.447.

[8] A propósito, ver Allouch. *Letra a letra*, p.246.

da letra, alfabeto vivo, de outra ancorada apenas na repetição significante. Lacan observa, nesse mesmo texto, que nenhum instituto teria, até então, organizado seus estudos levando em conta a intensão e a extensão.

Alguns pontos merecem ser destacados em torno do que se constitui o ensino em psicanálise. Inicialmente, é impensável concebê-lo fora da intensão, implicando que a função de sujeito suposto saber é destituída. Como acentua Lacan: "não sou um professor justamente porque coloco em questão o sujeito suposto saber. É justamente o que o professor jamais questiona, porque, enquanto professor, ele é essencialmente seu representante."[9] Vale lembrar ainda aqui que o saber construído por uma análise deixa sempre um resíduo — o saber obtido não pode ser tomado senão pelo que é, ou seja, realização significante conjugada a uma revelação da fantasia —,[10] indicando, portanto, um ponto irremediável de diferença entre o ensino universitário e o psicanalítico.

[9] Lacan. *O ato analítico.* Seminário de 28-02-68.

[10] Lacan. *O ato analítico.* Seminário de 28-02-68.

Para a psicanálise não existe um ensino integral, e a posição de Lacan diante do ensino não é de saber, mas de retificação. Isso nos remete à função da retificação subjetiva nas entrevistas preliminares; implicar o sujeito com sua fala, uma passagem do "Je" ao sujeito dividido. É interessante nos atermos à sua preocupação, demonstrada em vários momentos de seu ensino, de que seus ouvintes se colocassem a trabalho, indicando que o trabalho, tal como o conhecemos pelo inconsciente, diz respeito às "relações com esse saber pelo qual nós somos atormentados"[11] "Ser atormentado" coloca em cena esse ponto pelo qual o sujeito não apenas é tomado, mas é também obrigado a "empenhar a própria pele";[12] saber, portanto, custoso. No seminário *O ato analítico* deparamo-nos com Lacan convocando seus ouvintes a darem provas dos efeitos de seu ensino, definindo como pré-condição de freqüência no mesmo as demonstrações efetivas de implicação por meio de questões. Em *Les non-dupes errent* é visível sua preocupação com o fato de que seu ensino também seja reduzido a essa repetição: em certas formas, frases, enunciados, um discurso seccionado de seu contexto.

[11] Lacan. *O seminário: livro 20 – mais, ainda,* p.130.

[12] Lacan. *O seminário: livro 20 – mais, ainda,* p.130.

Em "A psicanálise e seu ensino", ao falar de estilo, o conceito utilizado é de transmissão, ao invés de ensino, indicando que se trata da aquisição de um traço, de uma marca, de uma diferença. É interessante assinalar que toda a experiência a ser recolhida pela Escola em suas três vertentes delimitam um tipo de transmissão. O candidato a analista, ao expor sua experiência de análise, o faz a partir de uma

determinada transmissão e o mesmo ocorre dos passadores para o cartel do passe. Todavia, isso não é suficiente para garantir a circulação do saber de forma a provocar efeitos metonímicos. Vale também lembrar que o passe não constitui a totalidade de transmissão dentro de uma Escola e que essa deveria se expandir também além dos campos restritos da Escola.

De qualquer forma, tratando-se de estilo, se há qualquer eco às maneiras de escrever, ler, falar, é simplesmente porque aí o sujeito está escrito em sua divisão, como efeito da linguagem, havendo, dessa forma, um consentimento com aquilo que ele é como limite.

Afirmando a tese "abstenham-se de compreender", Lacan convoca os analistas que ensurdeçam um ouvido, enquanto o outro deverá ficar aguçado. Aguçado para escutar o quê? Sons, fonemas, escanções, cortes; tudo que se dirige à literalidade do discurso, transmissão pelo estilo, pelo objeto, pela letra... Pensar em letra é pensar em corpo, em olhar, em voz, ou, ainda, em algo que surge pelo escavamento, pela rasura, tal como um estilete que sulca, escava, corta, mas que faz um determinado nó. O estilo seria esse nó que enlaçaria real, simbólico e imaginário. Não haveria transmissão, não seria possível transmitir o que se aprendeu a ler e nem a escrever o que se leu, se o resto da coisa sabida não se enlaçasse a algo transmissível.

Mas não basta saber escrever, pois, afinal, estamos sempre escrevendo, mesmo que alheios à dimensão do que se escreve; é preciso saber ler. Aprender a ler o que se escreve e circular esse escrito pela transmissão, sustentada pelo desejo enquanto diferença, enquanto o incansável, será esse o principal efeito que uma análise pode trazer? Pode-se "ensinar" a ler?

Bordar, fazer furos com agulha, marcar um tecido com detalhes, traços, cores... Ao fazê-lo o tecido adquire uma inscrição, uma diferença. É essa diferença que se trata de extrair. Descascar, escavar, pescar *com a palavra o que não é palavra*,[13] até o ponto de letra, é suportar o silêncio que apenas murmura, sendo necessário ter bons ouvidos para escutar, para saber ler além do sentido da língua, saber suportar a solidão que toda diferença impõe. A mais radical diferença acopla-se à mais radical solidão. E a solidão de ruptura do saber, dirá Lacan, não se escreve, deixa apenas um traço. Assim, na transmissão, isso que Lacan nomeia de estilo, o sujeito é provocado a partir desse traço que não há como esconder e nem se esforçar para ser mostrado, pois é algo totalmente seu, há que se fazer dele uma coisa completamente peculiar. Está aí um ponto de contingência que deverá ser acolhido pelo necessário de uma

[13] Lispector. *Água viva*, p.20.

Escola, no qual as regras não funcionam. Portanto, não há uma didática no sentido de regras a seguir, o que pode sinalizar a transmissão analítica diz respeito "a suportar não ser mais que este resto. Esse resto da coisa sabida que se chama objeto".[14] Dessa forma, o efeito didático ao avesso diz respeito ao S (Ⱥ); uma transmissão pela falta de significante. Mas como transmitir algo sem o significante?

[14] LACAN. *O ato analítico*. Seminário de 10-01-67.

ato, transmissão e escrita

Podemos supor que é no ponto no qual o significante, como apenas representação de uma ausência, deixa, na realidade, como assinala Lacan, "um significante em ato", um significante que provoca efeitos de surpresa. O sujeito que passou ou passa pela experiência de análise e experimenta os efeitos do significante sobre si apenas poderá, no fim, operar como objeto, já que, como ressalta Lacan, não é todo objeto, pois é um objeto rejeitado e, como sujeito, é apenas representado.[15] Operar como objeto indica que o ponto fundamental de toda transmissão é demonstrar que o SSS é insustentável. Isso nos remete, ainda, à passagem do necessário da transferência do início de análise às irrupções da transferência no final. Pode-se ainda deduzir, a partir daí, os possíveis efeitos sobre a transferência de trabalho, ou seja, uma relação do sujeito com o saber que o atormenta e não simplesmente uma "eficiência do fazer".

[15] LACAN. *O ato analítico*. Seminário de 24-01-68.

O efeito didático torna-se ensinar pela via também do impossível, suportar a cota de fracasso inerente a toda forma discursiva; suportar, enfim, a perturbação inerente ao encontro com S (Ⱥ). Um mergulho pela contingência, com seu efeito de invenção, na qual impera o *saber suposto sujeito* e não mais o sujeito suposto saber. Se a invenção é o saber suposto sujeito e se o sujeito tem como predicado apenas sua divisão, então ela é saber suposto na divisão. Um retorno ao necessário para que esse algo escrito, marcado com o selo do *cessa de se escrever*, possa sustentar-se como tensão, entre intensão e extensão.

É interessante que, ao falar de ato analítico, Lacan inscreve o ato como falho, como em falso, que faz suspensão, que só se lê *a posteriori* e, enfim, como ato sintomático:

> não é um ato que alguém possa se dizer inteiramente mestre.[16] O ato analítico designa uma forma, um envoltório, uma estrutura tal que, de algum modo, ele suspende tudo o que até então foi instituído, formulado, produzido como estatuto do ato, à sua própria lei (...).

[16] LACAN. *O ato analítico*. Seminário de 24-01-68.

> Não há ação alguma que se apresente de saída e que, antes de mais nada, como ponta significante. Essa sua ponta significante é justo o que carateriza o ato, e sua eficiência de ato nada tem a ver com a eficiência de um fazer.[17]

[17] LACAN. *O ato analítico*. Seminário de 06-12-68.

Podemos pensar, a partir dessas indicações, em duas vertentes: o ato seria aquilo que enodaria a extensão (transmissão) com a intensão. O ato, enquanto corte, poderia inclusive permitir o enodamento das três vertentes da transmissão: desejo de analista, estilo e transferência, permitindo a passagem da intensão à extensão.

Nesse contexto esbarramos com outra possibilidade para pensarmos a função de uma Escola de psicanálise: ela é necessária para criar dispositivos que possam acolher a contingência. Como afirmamos anteriormente, esse *resto de coisa sabida* precisa enlaçar-se a outros registros para ser transmitido. É por isso que Lacan articula o ato com o significante *que por ser ato se presta a esquecer* ou, de outra forma, "o ato é o único lugar onde o significante tem a aparência, ou mesmo a função, de se significar a si mesmo e o sujeito nesse ato é representado como efeito da divisão entre o repetidor e o repetido, que são idênticos".[18] Assim, é pela cota de fracasso inerente a todo ato — há algo que não se escreve — que podemos assinalar seus efeitos de sentido, efeitos de um saber sempre residual.

[18] LACAN. *O ato analítico*. Seminário de 28-02-68.

Suportar essa escrita é suportar a solidão presente no vazio. "Esse silêncio tem sua origem no apagamento a que é convidado aquele que escreve".[19] Apagamento advindo do encontro com S (Ⱥ).

[19] Cf. BLANCHOT. *O espaço literário*.

A Escola, porque de analistas e de praticantes, deverá também ser marcada pelo selo desse apagamento. Sabemos que "o necessário necessita do encontro com o impossível"[20] e, acrescentaríamos, necessita ainda do contingente para compor o conjunto aberto ou não-todo.

[20] LACAN. *Les non-dupes errent*. Seminário de 08-01-74.

Vale lembrar que a lógica do não-todo, apresentada a propósito da sexuação, é a mesma da proposição: "há psicanalista", ou seja, uma substituição do universal do conjunto fechado pelo não-todo do conjunto aberto. Retomando Lacan, há um conjunto fechado inaugurado pela exceção fálica; fechado porque há um limite advindo com a exceção de pelo menos um que escapou à referência da lei fálica e, pelos princípios lógicos, a regra só pode ser fundada a partir de uma exceção. A exceção funda o necessário; existe pelo menos um que diz não à função fálica e isso *não cessa de se escrever* para todo ser falante. A exceção funda o limite, o efeito de borda:

princípios, dispositivos etc. O outro conjunto é inaugurado pelo "sujeito não todo submetido à função fálica", conjunto aberto, não-todo; lugar da contingência, do cessa de não se escrever. Esse não-todo é discordante, pois, sendo uma lógica que ignora a exceção, não se funda dentro dos princípios lógicos da não-contradição. Da mesma forma que a estrutura do inconsciente, essa lógica suporta o sim e o não de formas simultâneas e não excludentes. Lugar da produção — que implica uma transformação, uma aquisição inscritas pelo objeto *a* — e da invenção; espaço, pois, do saber residual.

Poder-se-ia supor que tais conjuntos seriam excludentes ou discordantes entre si, mas não o são; a inexistência da exceção no conjunto aberto não implica uma contradição com a exceção fálica. Essa coloca o limite, a falta. Uma Escola necessária, marcada pela exceção fálica, deverá portar em seu interior o não-todo, ou seja, a contingência e o impossível. Da mesma forma, o impossível enquanto real demanda um tratamento pelo necessário advindo pela castração.

Evitar que a experiência do inefável e do inesperado, a que toda transmissão deveria se assentar, advenha como um discurso enfatuado é, com certeza, um desafio à Escola. Nesse sentido, tomamos como apólogo da conduta do analista, bem como da transmissão, a função do olhar no quadro de Velásquez, *As meninas*, afirmada por Lacan no *Ato analítico*:

> a função inscrita do que é o olhar e como ela tem, em si, de operar de uma forma tão sutil que ela está ao mesmo tempo presente e velada; é nossa própria existência (....) como espectadores, que ela põe em questão, reduzindo-a a ser de alguma forma mais que sombra com relação ao que institui no campo do quadro, de uma ordem de representação que não tem, propriamente dizendo, nada a ver com o que qualquer sujeito pode se representar.[21]

[21] Lacan. *O ato analítico*. Seminário de 20-03-68.

A Escola necessária, a ser fundada — ato que, por ser ato, tem conseqüências —, deverá seguir os passos do possível e do necessário, sem forcluir os restos depositados pelos caminhos do impossível e da contingência, suportando tanto as "diferenças lingüísticas" que delimitam os modos de organização de cada região ou país, como os cortes advindos pelos efeitos alingüísticos.

referências bibliográficas

ALLOUCH, Jean. *Letra a letra.* Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1994.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário.* Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LACAN, Jacques. A psicanálise e seu ensino. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *Les non-dupes errent.* Seminário de 08-01-74. (Inédito.)

LACAN, Jacques. Lituraterre. In: *Autres écrits.* Paris: Éditions du Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. *O ato analítico.* Seminário de 10-01-67. (Inédito.)

LACAN, Jacques. *O ato analítico.* Seminário de 24-01-68. (Inédito.)

LACAN, Jacques. *O ato analítico.* Seminário de 28-02-68. (Inédito.)

LACAN, Jacques. *O ato analítico.* Seminário de 20-03-68. (Inédito.)

LACAN, Jacques. *O ato analítico.* Seminário de 06-12-68. (Inédito.)

LACAN, Jacques. *O seminário: livro 20 – mais, ainda.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

SAURET, Marie-Jean. É preciso deixar cair o próprio passe. *Stylus,* Belo Horizonte, Associação Fóruns do Campo Lacaniano, n.3, out. 2001.

resumo

Este trabalho é baseado no que Lacan propôs em 1956 — "O que a psicanálise nos ensina e como ensinar a psicanálise?" — e focaliza a transmissão entre a *intenção* e a *extensão* e sua relação com o ato analítico. Se uma análise produz um efeito didático oposto ao discurso universitário, ele deve promover a transmissão, como queria Lacan, de quem ouve, lê, escreve, conversa sobre algo. Como fazer funcionar esta hipótese? Quais são os métodos necessários para se fazer a necessária Escola (necessária para a continuidade da conversa analítica) passar pelo contingente ao fim de cada análise? Como fazer operar uma transmissão que exclua os sentidos e os SSS? Finalmente, que tipo de transmissão pode ser escrita através do ato?

abstract

This work is based on what Lacan proposed in 1956: "*what does psychoanalysis teach us and how to teach it?*", focusing on the transmission between *intention* and *extension* and its relation to the anlytical act. If an analysis produces a didactic effect opposite to the University discourse (*discours universitaire*), it must promote a transmission, as Lacan wanted, of who listens, reads, writes, talks of something of them. How to make this hypothesis to work? What are the necessary methods to make the School (necessary for the continuity of the analytical talk) going through the contingent in the end of each analysis? How to make to operate a transmission that excludes the senses and the SSS? Therefore, what type of transmission can be written through the act?